

Economia

SEGURANÇA FINANCEIRA
BC prepara alerta único no Pix
 Em casos de transações suspeitas, aviso padronizado surgirá nas telas



PRESSÃO MENOR

INFLAÇÃO DESACELERA

IPCA sobe 0,09% em outubro e poderá voltar à meta, com queda de juro à vista

MAYRA CASTRO
 mayra.castro@oglobo.com.br

A inflação desacelerou em outubro, uma freada maior do que a esperada por analistas, informou ontem o IBGE. Com quedas nos preços médios da conta de luz e dos alimentos consumidos em casa, o IPCA — índice oficial que baliza as metas perseguidas pelo Banco Central (BC) — subiu apenas 0,09%, menor variação para meses de outubro desde 1998 e abaixo das projeções, que sinalizavam alta de 0,15%, segundo pesquisa da agência Bloomberg.

No acumulado dos últimos 12 meses, a inflação ficou em 4,68%, menor variação desde janeiro, resultado que aumenta as chances de que o IPCA chegue ao fim do ano dentro do teto da meta — de no máximo 4,5% — e pavimente o caminho para cortes na Selic, a taxa básica de juros definida pelo BC, hoje em 15% ao ano.

O alívio nos preços dos alimentos consumidos em casa, que caíram 0,16% em outubro, quinto mês seguido de recuo, foi a principal surpresa (leia mais abaixo).

Grupos como vestuário e transportes, além de bens duráveis, como móveis e eletrodomésticos, também se mantiveram comportados. Ajuda nisso a queda na taxa de câmbio, que também favorece os preços dos alimentos. O dólar atingiu ontem a menor cotação em 17 meses (leia mais na página 21).

Já o recuo na conta de luz, de 2,39% em outubro, era esperado, pois foi motivado pela mudança na bandeira tari-

Alívio na carestia

Alta de 0,09% no IPCA de outubro foi a menor para o mês desde 1998

VARIAÇÃO MENSAL DO IPCA (EM %)



VARIAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES DO IPCA (EM %)



FORNTE: IBGE

fária, o sistema de taxas extras que transfere para a tarifa as variações no custo de geração de eletricidade. Em setembro, esteve vigente a bandeira vermelha 2; em outubro, as contas vieram com bandeira vermelha 1, com uma taxa extra menor.

PROJEÇÕES REVISADAS

Com o resultado de outubro, analistas estão revisando para baixo as projeções para o IPCA de 2025. André Valério, economista sênior do banco Inter, antes via 4,6%

no fechamento do ano. Hoje, já vê a possibilidade de o índice ficar em 4,4%.

Considerando a redução do preço da gasolina nas refinarias, anunciada pela Petrobras no fim de outubro, e as promoções da Black Friday, que já vêm resultando no barateamento de eletrodomésticos, móveis e itens de cuidado pessoal, economistas preveem um número comportado para o IPCA de novembro, entre 0,18% e 0,19%.

Para dezembro, algumas pressões devem retornar, já

que, com as festas de fim de ano, alimentos tendem a encarecer. Serviços, como as passagens aéreas, também são sazonalmente afetados. Por isso, para Valério, a projeção é de um número entre 0,30% e 0,40% para o último mês do ano. Já Luciano Costa, economista-chefe da corretora Monte Bravo, prevê 0,55%.

Assim, se alguns economistas já previam o início de um ciclo de cortes na Selic para a reunião de janeiro do Comitê de Política Monetária

MAIORES ALTAS NO MÊS (variação em outubro)

- Batata-inglesa: **8,56%**
- Óleo de soja: **4,64%**
- Passagem aérea: **4,48%**

MAIORES QUEDAS NO MÊS (variação em outubro)

- Arroz: **-2,49%**
- Energia elétrica residencial: **-2,39%**
- Aparelho telefônico: **-2,54%**

boim, economista-chefe da gestora de Recursos Reach Capital, alertou para a pressão da inflação de serviços. No IPCA de outubro, esses preços avançaram em 0,41%. Em 12 meses, sobem 6,2%.

— O número de outubro ajuda, mas não é definitivo. Tem que olhar para frente. Não acho que a inflação deste ano ser 4,5% ou 4,6% vai definir o que o Copom vai fazer. Estar dentro da meta aumenta o conforto, mas não é para isso que o BC está olhando. Se o mundo continuar benigno, e as coisas ajudarem, tem chance de corte em janeiro, mas ainda acredito que março é o mais provável — disse Barenboim.

AS CARTAS DE GALÍPOLO

Mesmo que não seja o suficiente para levar ao corte nos juros já em janeiro, a desaceleração do IPCA mês após mês pode ser uma boa notícia para o presidente do BC, Gabriel Galípolo. Se o índice chegar a dezembro abaixo de 4,5%, ele não precisará redigir a carta ao Ministério da Fazenda explicando o descumprimento da meta.

A regra mudou recentemente. Até o ano passado, o objetivo era anual. Galípolo teve que escrever sua primeira carta logo no início do mandato, em janeiro, quando foi confirmada a alta de 4,83% no IPCA de 2024, acima do limite de 4,5%. A partir de janeiro, a meta se tornou contínua — o BC se explica quando a variação em 12 meses rompe o limite por mais de seis meses seguidos. Em julho, isso ocorreu, e Galípolo escreveu sua segunda carta. Se acontecer em dezembro, será sua terceira explicação.

Comida para fazer em casa fica 2,5% mais barata em 5 meses

Batata-inglesa e tomate registram quedas de 30%. Tomate recua 20%

Os preços dos alimentos consumidos nos lares brasileiros caíram 0,16% no IPCA de outubro, no quinto mês consecutivo de queda, segundo os dados divulgados ontem pelo IBGE. Nesse período, o recuo acumulado foi de 2,5%, mas alguns dos itens mais consumidos nas cozinhas país afóra ficaram bem mais baratos.

A batata-inglesa, que subiu 8,56% em outubro, ainda assim registra um tombo de 29% nesses cinco meses. A cebola recuou 29,7% no mesmo período. O tomate e o alho acumularam quedas de 19,8% e 20,3%, respectivamente. A laranja-pera ficou 18,3% mais barata no período de cinco meses, en-

quanto o ovo de galinha recuou 15,2%.

Considerando apenas outubro, ficaram mais baratos o arroz (-2,49%) e o leite longa vida (-1,88%).

O resultado surpreendeu economistas, porque o último trimestre do ano costuma ser de inflação pressionada na alimentação em domicílio, por conta de fatores sazonais. Os principais são o clima, com o início das chuvas do período úmido prejudicando a oferta de alimentos *in natura*, e as festas de fim de ano, que impulsionam a demanda.

— Talvez o impacto do clima não esteja sendo tão severo, como em outros anos, para gerar alguma pressão, principalmente na parte

dos alimentos *in natura*. As chuvas atrasaram um pouco este ano — disse Luciano Costa, economista-chefe da corretora Monte Bravo. — E tem a questão do tarifado do presidente dos EUA, Donald Trump, que diminui um pouco as exportações de alguns produtos.

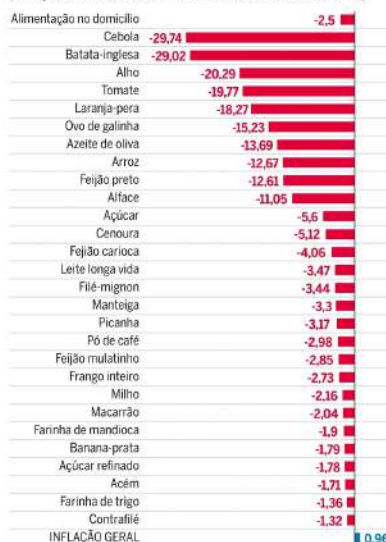
Nesse caso, a maior oferta no mercado doméstico de produtos que antes iam para os EUA ajuda a aliviar os preços.

CAFÉ RECUA

O café, um dos produtos de exportação mais prejudicados pelo tarifado americano, vem caindo há quatro meses, com recuo acumulado de 3,52%. Em maio, o café registrou um pico de alta de 82,24%, no

Alimentos em queda

(Variação acumulada nos últimos cinco meses até outubro, em %)



FORNTE: IBGE

acumulado em 12 meses.

Apesar da surpresa positiva, para os próximos meses a expectativa é de uma maior pressão nos preços de alimentos.

— Tem as festas de fim de ano, e é normal a alimentação ter uma pressão nesse período. A parte *in natura* também sofre com as chuvas. Elas podem estar atrasadas, mas é meio inevitável ter chuvas mais densas, e isso acaba atrapalhando um pouco a produção — disse Costa, lembrando que carnes e proteínas em geral também tendem a encarecer no fim do ano.

O grupo Alimentação e bebidas do IPCA — que inclui os alimentos fora do domicílio, em bares e restaurantes, por exemplo — teve leve alta de 0,01%, o menor resultado para outubro desde 2017, quando foi de -0,05%. O que impediu o grupo de registrar deflação em outubro foi a alimentação fora do domicílio, cujos preços médios subiram 0,46%. (Mayra Castro)